

A INFLUÊNCIA DA MITOLOGIA GRECO-ROMANA NO LIVRO PORTÃO DE FERRO, DA POETISA RAQUEL NAVEIRA

THE INFLUENCE OF GRECO-ROMAN MYTHOLOGY ON THE POET RAQUEL NAVEIRA'S BOOK PORTÃO DE FERRO

Layssa Gabriela Almeida e Silva *

Resumo: O presente artigo propõe um estudo do livro *Portão de Ferro*, da poetisa Raquel Naveira, com o objetivo principal de identificar nele os traços mais marcantes da mitologia greco-romana e conhecer seus novos significados, isto é, a releitura que a autora fez desses mitos. Em seu livro, a poetisa consegue fazer uma relação da mitologia com acontecimentos reais, como o fatídico atentado terrorista ocorrido nos Estados Unidos em 2001, utiliza-se de recursos metalingüísticos para comparar o poeta a um centauro e a um narciso, e ainda é capaz de transcrever o surgimento de sua pátria apoiando-se na mitologia.

Palavras-chave: Mitologia greco-romana. Poesia. Raquel Naveira.

Abstract: This present article proposes a study on the book *Portão de Ferro*, written by the poet Raquel Naveira, with the main objective of identifying its most striking features of Greco-Roman mythology and know their new meanings, i.e., the author's new interpretation of those myths. In her book, the poet can make a relation between mythology and real events, such as the fateful attack occurred in the United States in 2001. She makes this through the use of metalinguistic resources to compare the poet to a centaur and a narcissus, and she is also capable to transcribe the appearance of her native country, using mythology as a resource.

Keywords: Greco-Roman mythology. Poetry. Raquel Naveira.

Introdução

No livro de poemas *Portão de Ferro*, de Raquel Naveira, editado pela Escrituras no ano de 2006, a poetisa relembra a sua infância e por diversos momentos apresenta histórias místicas e míticas em forma de verso, histórias essas que, conforme José Nêumane Pinto, são sempre contadas em um tom murmurante, nunca altissonante (MENEZES, 2009, p.21).

* Especializanda em Lingüística Aplicada ao Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (Universidade Federal de Goiás). Graduada em Letras Português-Inglês (Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Anápolis). Professora do Centro Cultural Anglo-Americano (CCAA) e Professora Substituta do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE – UFG). E-mail: layssagabriela@hotmail.com.

Essa forte presença da característica mítica foi o que me instigou a realizar este trabalho, que tem como objetivo principal identificar os traços mais marcantes da mitologia greco-romana nesse livro de poesias e conhecer os novos significados, isto é, a releitura que a autora fez desses mitos. Para tanto, será feita uma análise desses versos direcionada a averiguar o poder encantatório e renovador dos mitos. Antes, porém, considera-se relevante a apresentação da poetisa, por se tratar de uma escritora que só recentemente tem tido suas obras estudadas no meio acadêmico.

A poetisa Raquel Naveira nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no dia 23 de setembro de 1957. Formou-se primeiramente em Direito, em 1979. Em 1986, formou-se em Letras, na antiga FUCMT, e, logo após, passou a lecionar na atual Universidade Católica Dom Bosco. Atualmente exerce o magistério na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, desenvolvendo várias atividades de ensino, pesquisa e extensão.

A escritora editou, até o momento, dezesseis obras literárias. O seu primeiro trabalho *Via Sacra*, tem sua edição independente publicada em 1989. Sua obra é marcada por poemas regionais, épicos ou históricos, e por poemas místicos, míticos e líricos, que carregam em si uma certa dosagem de densidade e sensualidade.

A divulgação da obra de Raquel Naveira na mídia se dá de forma acentuada. Reportagens da *Revista Caras*, nas edições de nº 41 e nº281, trazem a sua biografia e alguns de seus poemas. Foi graças à revista *Taira*, da Universidade de Stendhal, em Grenoble, na França, que o nome da poetisa foi lançado no cenário internacional, com a publicação de um poema “Lavoura”, do livro *Nunca-te-vi*. Há mais de vinte anos seus poemas são publicados no jornal *Correio do Estado*, com sede na cidade de Campo Grande-MS. Todas essas publicações têm contribuído bastante para a propagação dos trabalhos de Raquel Naveira.

Para sistematizar a análise literária da poética de Raquel Naveira considera-se imprescindível fazer a discussão das teorias concernentes aos mitos, valendo, sobretudo, dos estudos de Brandão, Eliade, Hamilton e Vernant.

1 Mito e mitologia

Do ponto de vista etimológico, mitologia é o estudo dos mitos, concebidos como história verdadeira. Ainda hoje inúmeros estudiosos buscam teorizar o mito em uma forma menos abstrata ou fantasiosa, para enquadrá-lo como uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática. Junito Brandão nos traz uma precisa definição:

O mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. Mito é, por conseguinte, a *parole*, a palavra ‘revelada’, o dito. E, desse modo, se o mito pode se exprimir ao nível da linguagem, ‘ele é, antes de tudo, uma palavra que circunscreve e fixa um acontecimento’ (BRANDÃO, 2001, p.36).

O mito é a linguagem, linguagem esta que deve conter um mínimo de coesão e racionalidade. Ela pode até conter fantasia, mas não é fantasia. Homero foi capaz de dar certa coloração afetiva à língua grega que não permitia que os gregos tivessem a liberdade para crerem ou não nesses mitos, eles apenas deveriam aceitar tudo que lhes era imposto, pois, até então, a racionalidade não era tão cara aos gregos.

A mitologia grega chegou até nós através da poesia, da arte figurativa e da literatura erudita. A poesia, assim como a arte, segue alguns critérios para ser produzida, é a chamada lei das três unidades (ação, tempo e lugar), que está presente na tragédia clássica. Por ser o mito “uma palavra revelada, o dito, uma representação transmitida através de várias gerações”, essa lei não é aplicável a ele. A transposição do mito a uma obra de arte corre o risco de alterar o seu sentido clássico, pois o poeta precisa sintetizar acontecimentos que não se desenvolveram em um mesmo lugar e muito menos em um único dia.

As alterações sofridas pelos mitos não foram fruto exclusivo de poetas e artistas, os Pré-Socráticos auxiliaram bastante nesse processo de mudança. Os primeiros recriavam-nos e adequavam a forma, mas sempre aceitavam e mantinham o conteúdo, já os últimos tentavam desmitizar o mito em nome do *lógos*, da razão.

Como só se é possível conhecer os mitos gregos através da forma escrita ou das imóveis composições da arte figurada, a característica escrita foi capaz de proporcionar ao mito uma forma que se tornaria fixa, distante do momento da narrativa.

1.1 A dicotomização e a politização

A dicotomização é o fato de o mito ser tomado pelos poetas para justificar a moral ou a ética do cidadão grego. Um belo exemplo dessa dicotomização pode ser evidenciado em Ésquilo, grande pai da tragédia, que foi capaz de depurar o mito para extrair dele apenas aspectos que não contrariassem as normas sociais e morais. O dever do poeta, diz Ésquilo a respeito do mito de Fedra (onde uma deusa, Fedra, assedia sexualmente seu enteado, Hipólito, filho de Teseu), é ocultar o vício, não propagá-lo e trazê-lo à cena, já que ele acreditava que os poetas eram os modelos de educação para os jovens (BRANDÃO, 2001, p.29). Dessa

forma, não só Ésquilo, mas também vários outros autores se sentiram no direito de podar ou até alterar o mito, para simplesmente torná-lo compatível com suas exigências morais.

Já Aristóteles, o mais importante discípulo de Platão e representante do aspecto científico da Academia platônica, era contra a dicotomização. Para ele, os mitos tradicionais não deviam ser alterados, os poetas deveriam, pois, achar e usar artisticamente os dados da tradição.

A politização pode ser explicada pelo fato de que em relação aos mitos dos heróis, as glórias deveriam emergir, sempre, da cidade de Atenas. Esse foi um dos artifícios utilizados pelos atenienses na tentativa de engrandecer a sua *pólis*. Essas aproximações, entretanto, causaram visíveis deformações em certos mitos, pois foram acrescentados aos atenienses características nada peculiares, e, além disso, os autores ainda denegriam as glórias e os feitos dos heróis das cidades inimigas.

No século V a.C., a mitologia revelou-se meio depurada e cambaleante. Foi nessa época que houve o Epicurismo, que retomando o atomismo materialista de Demócrito, procurava libertar o homem do temor dos deuses. Segundo Epicuro (341-270 a. C):

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso, o que igualmente, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é uma coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Porque Deus não os impede? (EPICURO apud BRANDÃO, 2001, p.30).

Esses questionamentos foram capazes de enfraquecer a mitologia, pois os deuses passaram a uma fase de desmoralização, além da pretérita desmitificação. Após esse período, modalidades como o Alegorismo, o Evemerismo e o Cristianismo contribuíram para salvar a mitologia, pois foram capazes de lhe injetar uma dose de caráter histórico e humano.

O Evemerismo, nada mais é do que a tentativa de explicar o processo de apoteose de homens ilustres (BRANDÃO, 2001, p.31). Como os mitos não eram mais compreendidos literalmente, procurava-se então neles, através do Alegorismo, “significações ocultas”, “subentendidos” (ELIADE, 1994, p.135). O Cristianismo salvou a mitologia: dessacralizou-a de seu conteúdo pagão e ressacralizou-a com elementos cristãos, ecumenizando-a (BRANDÃO, 2001, p.33).

Brandão acredita que

Foi graças ao alegorismo e ao evemerismo e sobretudo porque a literatura grega e as artes plásticas se desenvolveram cimentadas no mito que os deuses e heróis da Hélade sobreviveram ao longo processo de desmitização e dessacralização, mesmo após o triunfo do Cristianismo, que acabou por absorvê-los, porque já então estavam esvaziados por completo de valores “religiosos viventes” (BRANDÃO, 2001, p.34).

Apesar de todas as mudanças e entraves enfrentados pelo mito, todos os deuses e heróis conseguiram atravessar a Idade Média. Mas foi na Renascença que a herança clássica se converteu em tesouro cultural, com escritores como: Camões e Shakespeare.

Essa tendência cristalizada pelos renascentistas resiste até os dias atuais com inúmeras formas de expressão. Vale destacar o alcance atingido pelas histórias em quadrinhos, responsáveis por uma verdadeira popularização dos mitos na atualidade. Elas criam seus deuses (Hércules), heróis (Super-homem), guerreiros (Cavaleiros do zodíaco) e mundos imaginários (tais como o que anseia viver o personagem Calvin), que proporcionam ao leitor uma relação de proximidade e afetividade com os personagens mitológicos.

Isso, porém, não afastou os mitos das artes como a música e a poesia. Muito pelo contrário, são temas constantes em poetas consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa. Outro exemplo é Raquel Naveira, poetisa brasileira que traz em sua obra inúmeros poemas onde se nota uma intensa influência mitológica.

Na obra de Raquel Naveira fica bem explícito a sua relação com o Cristianismo. Além disso, se tornou notório a intertextualidade feita pela autora ora a textos bíblicos ora a textos mitológicos. Cabe ressaltar a preocupação que a poetisa tem em tentar não alterar o conteúdo do mito, e isso se dá principalmente pelo recurso estilístico que ela se propôs a utilizar, a paráfrase, que é vista como a reafirmação em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita, e que na maioria das vezes se aproxima do original em extensão (SANT’ANNA, 2006, p.17). A única diferenciação do original, é que a poetisa se propôs a nos contar as histórias mitológicas de uma forma criativa, em que não é utilizada a prosa, como o de costume.

Affonso Sant’anna acredita que a paráfrase é um discurso sem voz, pois quem está falando, está dizendo o que o outro já disse (SANT’ANNA, 2006, p.29). No entanto, com os estudos feitos nas poesias de Raquel Naveira, percebemos que apesar dela utilizar-se da paráfrase, seus textos possuem uma certa autoridade, já que ela faz uso de recursos variados para expressar suas angústias atuais.

2 A Mitologia em *Portão de Ferro* – “Tróia destruída”: a Tróia clássica X Tróia Americana

Dentre os oitenta e cinco poemas presentes no livro *Portão de Ferro*, de Raquel Naveira, é possível detectar um resgate de mitos clássicos em cinco deles: “Tróia destruída”; “O poeta é um centauro”; “As parcas”; “Ágape”; “O poeta é um narciso”. Nesse sentido haveremos de averiguar no poema “Tróia destruída”, um processo de intertextualização com a guerra de Tróia, narrada pelo poeta épico Homero.

A guerra de Tróia se iniciou a partir do momento em que o rei de Tróia, Páris, raptou a belíssima Helena que era esposa do rei de Esparta. Isso causou uma enorme insatisfação aos gregos, que acabou proporcionando uma guerra que durou cerca de dez anos.

Os gregos não estavam conseguindo transpor os muros da cidade. Para passarem por esse obstáculo, decidiram construir um grande cavalo de madeira e colocar seus homens dentro dele. O cavalo foi dado aos troianos como um presente, que foi aceito e recolhido para dentro dos muros de Tróia. Durante a noite os gregos saíram de dentro do cavalo e pegaram seus adversários despreparados, conseguindo, então, vencer a batalha.

Em “Tróia destruída”, Raquel Naveira faz uma intertextualidade da guerra de Tróia com o atentado terrorista que ocorreu nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001:

Tróia destruída

Tróia destruída,
Incendiada,
Ardendo em chamas;
O cavalo de madeira,
Presente dos gregos,
Vomitou guerreiros
Na noite escura;
Casas,
Torres,
Templos
Desmoronaram de alto a baixo;
Por toda parte,
Lamento,
Tumulto,
Clamor que se eleva até os astros.

Quem terá destruído Tróia?
Do mar veio o dragão,
Corpo de escamas,
Olhos ardentes,
Boca sibilante,
Enrolou-se em torno do sacerdote

E despedaçou seus membros
A dentadas.

Quem terá destruído Tróia?
O desenfreado deus Marte?
A coragem de Ulisses?
As perfídias do traidor?

Quem terá destruído Tróia?
As artimanhas?
As máquinas fatais?
Os insultos do inimigo?

Quem terá destruído Tróia
E trazido tantos flagelos,
Tanto furor e ira
Que nesse transe supremo
Já não encontramos lágrimas para nossas provações?

Quem terá destruído Tróia?
Quem, por tais crimes,
Por tanta audácia,
Merece o inferno
E o roer dos vermes?

Quem terá destruído Tróia?
Tróia que tantas vezes ressurge das cinzas,
Das ruínas,
Das escavações em nossa memória?

Quem destruiu
Continua
Ateando fogo nas muralhas.

11 de setembro de 2001, dia da tragédia americana

(NAVEIRA, 2006, p.19 - 20)

Ao dizer na primeira estrofe, que “Torres,/ Templos/ Desmoronaram de alto a baixo”, ela remete-nos às Torres Gêmeas, que eram símbolo do poder americano; e que “Por toda parte,/ Lamento/, Tumulto/, Clamor que se eleva até os astros”, nota-se um triste retrato da realidade na qual havia milhares de pessoas correndo, pulando e gritando desesperadamente para escaparem da grande tragédia.

Logo em seguida, na segunda estrofe, Naveira retrata a figura do dragão: “Quem terá destruído Tróia?/ Do mar veio o dragão,/ Corpo de escamas,/ Olhos ardentes,/ Boca sibilante”. O dragão costuma aparecer nos mitos como uma representação de Tiamat ou de Leviatã, monstros aquáticos, que personificam o mar. Na arte cristã, o dragão era considerado

como um símbolo do paganismo e do pecado. Já no texto da poetisa, o dragão personifica o ódio do Oriente ao império norte-americano.

O eu lírico inicia a terceira estrofe questionando: “Quem teria destruído Tróia?”, se teria sido este dragão, representante de Tiamat, que teria tido a capacidade de enrolar-se em torno do sacerdote e despedaçar-lhe seus membros, ou, como no segundo verso da estrofe em análise, se teria sido: “o desenfreado deus Marte?/ A coragem de Ulisses?/ As perfídias do traidor”.

Marte era o deus romano da guerra, equivalente ao grego, Ares. Filho de Uno e de Júpiter, era considerado o deus da guerra sangrenta, ao contrário da sua irmã Minerva que representava a guerra justa e diplomática. Os dois irmãos não se davam muito bem, e acabaram se enfrentando frente-a-frente, junto das muralhas de Tróia, defendendo cada um deles seu exército. Marte como era protetor dos troianos, acabou sendo derrotado.

Já Ulisses era convocado por todos para qualquer missão que demandasse coragem, sagacidade, prudência e habilidade na oratória. Filho de Sísifo, o mais astuto e atrevido dos mortais; neto de Autólico, o maior e mais sabido dos ladrões e ainda bisneto de Hermes, o deus também dos ardis e trapaças; Ulisses só poderia ser mesmo, ao lado da inteligência exuberante, da coragem e da determinação, um herói, cheio de malícia, habilidade e sagacidade.

Devido ao tamanho do desastre acontecido no dia 11 de setembro de 2001, é que o eu lírico chega a desconfiar da influência do deus Marte nesse acontecimento, já que em apenas um dia esse atentado foi capaz de causar a morte, segundo estimativas, de cerca de duas mil novecentas setenta e oito pessoas.

Apesar de em sua poesia a autora, em vários momentos, questionar o responsável por essa destruição, na nona estrofe (p.20), ela acaba por nos apontar e reforçar, mesmo que de forma indireta, o autor dessa façanha, o terrorista Osama Bin Laden. E de acordo com a poetisa, no segundo verso da oitava estrofe, ele “continuará ateando fogo nas muralhas”, tendo em vista que mesmo após o atentado, Osama Bin Laden continuaria a comandar ataques terroristas.

2.1 “O poeta é um centauro”: o homem e o animal no poeta

Na mitologia grega, os centauros eram a personificação das forças naturais desenfreadas, da devassidão e embriaguez e simbolizavam o conflito humano entre a razão e os instintos. Jean-Pierre Vernant dizia que

Os centauros têm um estatuto ambivalente, uma posição ambígua: possuem cabeça de homem, um peito que já lembra o de cavalo, e um corpo de cavalo. São seres selvagens. Subumanos, cruéis --- capazes de se embriagar e raptos de mulheres --- e ao mesmo tempo sobre-humanos, porque como Quíron, representam um modelo de sabedoria, de coragem, de todas as virtudes que um jovem deve assimilar para se tornar um verdadeiro personagem heróico: caçar, saber manejar todas as armas, cantar, dançar, raciocinar, nunca perder o domínio de si (VERNANT, 2000, p.82-83).

No poema “O poeta é um centauro” (p.31), Raquel Naveira apresenta com extraordinária luminosidade a contradição inerente ao poeta. Ao passo que possui características inerentes ao homem, “[...] mente de homem/ aclara idéias” (segundo verso), ele não se desvencilha de adjetivos animais, como “[...] as pernas de cavalo” (quinto verso). Esse paradoxo é continuamente apresentado nas seis estrofes do poema.

O poeta é um centauro

O poeta é um centauro:
A mente de homem
Aclara idéias,
Articula palavras
E as pernas de cavalo,
Cheias de energia,
Saltam no ímpeto da emoção.

O poeta é um centauro:
Alimenta-se de carne crua,
Bebe vinho,
Embriaga-se
E depois chora
Arrependido
Fazendo brotar fontes
Com a pancada de seus cascos.

O poeta é um centauro:
Uma força bruta,
Que rapta,
Violenta,
Cega,
E depois se põe a serviço
Do bom combate.

O poeta é um centauro:
Galopante,
Sangue nas veias,
De repente, se controla,
Se domina
E estende o olhar triste
Pela campina.

O poeta é um centauro:
De dia
Evita pânico
E de noite, comanda
Rumo à loucura,
À morte,
Ao triunfo.

O poeta é um centauro:
Montaria,
Veículo,
Nave
De sua própria poesia.
(*Idem*, p.31)

É o que ocorre na quarta estrofe, onde, de início, o poeta é visto como um ser “galopante, com sangue nas veias”. Apesar de tal brutalidade, a sensibilidade humana não se desprende do poeta, pois “De repente, se controla, / Se domina,/ E estende o olhar triste pela campina” (quarto verso).

O cavalo, como o poeta, é forte e desfruta da liberdade, porém, suas expressões se dão de modos distintos. Enquanto aquele o faz em pastos e campos sob a luz do sol, este se exprime intelectualmente, na poesia, “De dia/ Evita pânico/ E de noite, comanda/ Rumo à loucura/ à morte,/ Ao triunfo” (quinta estrofe). Nota-se o controle emocional do poeta durante o dia, e a libertação que alcança na criação poética, na sua solidão, à noite, onde seus sonhos e fantasias são exprimidos.

Vale ressaltar a presença da metalinguagem na poesia em análise, já que Naveira discute a própria poesia ao explicar a essência do poeta.

2.3 “As Parcas”: a formação do Brasil

Filhas de Júpiter e Têmis, as Parcas personificavam o destino, poder incontável que regula a sorte de todos os homens, do nascimento até a morte. Nem mesmo os deuses podiam transgredir suas leis sem pôr em perigo a ordem do mundo.

Segundo Edith Hamilton, havia alguns deuses menores da terra que não sabiam se moravam no Céu, na terra ou em outra parte, esses eram

as Parcas, Moiras em grego, as quais, segundo Hesíodo, davam ao homem o bem e o mal, no momento em que nasciam. Eram três: Cloto, a Fiandeira, que tecia o fio da vida; Laquésis, a Distribuidora da Sorte, que atribuía a cada homem o seu destino; e Átropos, a que não se podia fazer voltar, e

levava consigo as “abomináveis tesouras” com as quais cortava o fio da vida (HAMILTON, 1999, p. 49).

No poema “As parcas” (p.112), Naveira faz uma relação das três Parcas com as três etnias de mulheres brasileiras: branca, negra e índia; e em cada comparação o eu lírico retrata alguns problemas das referidas raças:

As Parcas

Somos três as Parcas
Na barca do destino,
Somos três as Fiandeiras,
Laçadeiras da existência,
somos três as Mulheres
Desta terra brasileira.

Sou Cloto,
A que fia,
A jovem índia,
A que lamenta a opressão,
O genocídio,
A vida transformada em morte no fim do dia.

Sou Láquesis,
A que tira a sorte,
A que determina o comprimento do fio;
Munida de um fuso
E de um mapa-múndi
Localizo almas;
Vim da África,
Minha pele é negra,
Cruzo mares
Em navios negreiros,
Escuros e sombrios
Como a escravidão.

Sou Átropos,
Nada abranda meu coração,
Corto o fio dos novelos,
Na hora em que Deus manda;
Sou alva como lírio,
Velha como a História,
Minha única glória,
A de agora,
A de sempre,
A de nunca mais,
É cavar a cova dos mortais.
Somos três as Parcas
Que ligam este mundo
Ao outro mundo;
O Inferno ao Céu
E o Céu à Terra;

O homem a si
E ao seu princípio.
Somos três as Parcas
Neste labirinto,
Seguindo passo a passo o fio
Que conduz ao Infinito.

Somos três as Parcas
Nestes bastidores,
Nestes teares,
Criando formas
Que se rompem,
Frutos de nossas entranhas,
De nossa substância,
De nossas teias de aranhas.

Somos três as Parcas,
Duras e impiedosas,
Filhas da Necessidade,
Lei que rege as mudanças,
Que planta e ceifa
As contínuas esperanças.

Somos três as Parcas,
Fixando símbolos,
Plantando sementes
Nos campos das mentes
Que lavramos.

Somos três as Parcas,
Somos três as Moiras:
Índia,
Negra,
Ibérica,
Marcas deste continente
Que se fez América.

(*Idem*, p. 112)

A primeira comparação se dá na segunda estrofe, quando a autora compara Cloto a uma jovem índia, que também tece os sofrimentos resultados da aculturação. Nota-se, aqui, a presença do genocídio praticado contra os nativos brasileiros: “A jovem índia,/ A que lamenta a opressão,/ O genocídio,/ A vida transformada em morte no fim do dia”.

Na terceira estrofe, ela compara Láquesis à mulher negra, africana. Tem-se como foco a escravidão sofrida pelos negros no Brasil: “Minha pele é negra,/ Cruzo mares/ Em navios negreiros,/ Escuros e sombrios/ Como a escravidão” (p.112). A comparação com Láquesis se dá porque ela é quem “determina o comprimento do fio” (terceiro verso), ou seja, o tempo de vida de cada um; e embora tenham sido os escravos os construtores do Brasil

colonial, não puderam colher o fruto desse trabalho nem mesmo com a instituição da lei Áurea, que tornava livre esse povo.

Já na quarta estrofe, o eu poético compara Átropos à portuguesa de cor branca, dizendo: “Sou Átropos, / Nada abranda meu coração,/ Corto o fio dos novelos/ Na hora em que Deus manda;/ Sou alva como lírio”(p.113). Sabe-se que o lírio é sinônimo de brancura, e conseqüentemente, de pureza, inocência e virgindade. Oriundas do Velho Mundo, as portuguesas não são associadas a nenhum problema racial, aliás, a elas foi dado autoridade, pois é essa raça que tem o poder para cortar o fio da vida de todos, de “cavar a cova dos mortais”. Desse modo asseveram-nos os versos: “Velha como a história,/ Minha única glória,/ A de agora,/ A de sempre,/ A de nunca mais,/ é cavar a cova dos mortais” (p.113)

O eu lírico finaliza seu poema da seguinte forma: “Somos três as Parcas, / Somos três as Moiras:/ Índia,/ Negra,/ Ibérica,/ Marcas deste continente/ Que se fez América” (p.114). Assim se confirma a comparação feita entre as três Moiras às três etnias responsáveis pela formação do Brasil.

2.3 “Ágape”: O Casamento X Parábola das Virgens

Em “Ágape” (p.51), Raquel Naveira remete ao mito de Perséfone e à bíblica Parábola das Virgens.

Ágape

Desce às catacumbas
Pelas galerias subterrâneas,
Apalpando as paredes e as tumbas,
Leva lamparina com azeite,
Pedaço de linho branco,
Braçada de flores;
Haverá uma reunião secreta,
Uma festa ao som de órgãos
E de salmos.

O banquete solene
Acontecerá na primeira sala,
Os convivas partirão
Os frutos da terra,
O pão fumegante
E despejarão o sangue
Em cálice profundo,
Será doce o repasto,
O ato sagrado.

Vem,

Prepara-te para o festim,
Coloca o véu da caridade,
Jóias invisíveis
E move toda tua vontade
À busca do bem.

Desce às catacumbas,
Minha pomba,
Será hoje
O ágape.

(*Idem*, p.51)

Os primeiros versos: “Desce às catacumbas/ pelas galerias subterrâneas,/ Apalpando as paredes e as tumbas”, nos remetem ao mito de Perséfone, como também à Parábola das Virgens, na Bíblia Sagrada.

Os quatro primeiros versículos bíblicos do capítulo 25, no livro de Mateus, dizem: "Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes. As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas”. Tal é remetido no poema onde as mulheres saíam com as lamparinas e azeite à espera do futuro marido: “Desce às catacumbas,/ Pelas galerias subterrâneas,/ Apalpando as paredes e as tumbas,/ Leva lamparina com azeite” (p.51).

O mito de Perséfone apresenta o tema da filha inocente raptada do mundo da mãe (Deméter) pelo deus dos subterrâneos (Hades). Conta o mito que Perséfone debruçou-se para colher uma flor de Narciso à beira de um precipício quando a terra se abriu e dela surgiu Hades, que a seqüestrou para o mundo das trevas. Sua mãe a procurou por vários dias até que ameaçou lançar a infertilidade sobre a terra se a filha não fosse encontrada. Com a interferência de Zeus, Hades concorda em devolvê-la à mãe, mas antes lhe oferece sementes de romã, que ela aceita, e por ter se alimentado naquele local ficaria eternamente vinculada ao mesmo. Perséfone então passa a viver um terço do ano com Hades e os outros dois terços, com a mãe no Olimpo.

A flor de narciso floresce na primavera, em lugares úmidos. Ela se prende à simbólica das águas e ao ritmo das estações e, por conseguinte, da fecundidade, o que caracteriza sua ambivalência morte (sono)- renascimento (BRANDÃO, 2002, p.175). Tomando como base Junito Brandão, percebemos que o mito de Perséfone pode simbolizar as alternâncias das estações do ano, tendo em vista que é no inverno que a semente germina debaixo da terra (período em que Perséfone passaria com Hades), para aflorar na primavera e

dar frutos no outono (as duas estações em que Perséfone possivelmente passaria com sua mãe no Olimpo).

No sexto verso da primeira estrofe, notamos a simbologia da primavera, quando a poetisa diz: “Braçada de flores” (p.51). O terceiro e quarto versos da segunda estrofe caracterizam o outono, estação dos frutos: “Os convivas partirão/ Os frutos da terra”. O outono poderia estar representando também a mulher já madura para o casamento, uma vez que ela já passou pelo período de menstruação, retratado no sexto verso da segunda estrofe: “E despejarão o sangue/ Em cálice profundo,/ Será doce o repasto,/ O ato sagrado”.

Naveira trabalha sua poesia de forma cronológica. No primeiro verso da segunda estrofe, ela descreve a festa do casamento, onde os convidados celebrariam a felicidade dos noivos: “O banquete solene/ Acontecerá na primeira sala” (p.51).

Já no início da terceira estrofe, seria o momento em que o noivo convidaria a noiva para o possível banquete que haveria de acontecer somente entre os dois: “Vem,/ Prepara-te para o festim” (p.51). E na última estrofe, seria o momento em que a virgem, simbolizada pela “pomba”, conheceria então as delícias do “ágape”: Desce às catacumbas,/ Minha pomba,/ Será hoje/ O ágape” (p.51). Esse descer às catacumbas poderia representar o momento em que a virgem mulher, que se preparou para viver o verdadeiro amor ao lado de seu esposo, se dirigiria então ao seu ninho de amor.

2.4 “O poeta é um narciso”: A dedicação e a vaidade do poeta

Mauro Nadvorny nos conta de uma forma bem sucinta a lenda de Narciso. Segundo ele, Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias profetizou que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse sua própria figura. Indiferente aos sentimentos alheios, Narciso desprezou o amor da ninfa Eco e seu egoísmo provocou o castigo dos deuses. Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se (NADVORNY, 2004).

Em “O poeta é um Narciso” (p.28), a poetisa Raquel Naveira exalta a dedicação e a vaidade do poeta. Veja-se:

O poeta é um narciso

O poeta é um narciso:
Flor que cintila

Brilhante
Sobre o lago liso.

O poeta é um narciso
Que perfuma,
Entorpece,
Penetra nos poros e frisos.

O poeta é um narciso
Que cresce na primavera,
Nos úmidos pisos.

O poeta é um narciso,
Lírio de vaidade
E pouco siso.

O poeta é um narciso
Que paira sobre o rio,
Refletindo o céu, a floresta, o riso.

O poeta é um narciso,
Ao menor suspiro
Que exale
Dá à imagem evocada
A aura do mito.

(*Idem*, p.28)

Logo nos primeiros versos compara o poeta a uma flor: “O poeta é um narciso: / Flor que cintila/ Brilhante/ Sobre o lago liso”. No segundo verso da segunda estrofe, ela continua qualificando essa flor: “Que perfuma,/ Entorpece,/ Penetra nos poros e frisos”, para no segundo verso da quarta estrofe nos indicar que flor seria essa: “O poeta é um narciso,/ Lírio de vaidade/ E pouco siso”.

O lírio, retratado por Raquel Naveira na poesia acima, sempre foi visto como o símbolo da pureza e é considerado como uma das flores mais antigas do mundo. Ele pode ser encontrado em pinturas nas paredes dos palácios da Grécia Antiga, onde era dedicado à Hera, conhecida como a deusa justiceira e ciumenta.

Narra a mitologia, que a conselho de Minerva, Juno deu seu seio a Hércules, que havia sido abandonado no campo por Alcmena, sua mãe. O jovem herói teria sugado o seio com tanta força, que o leite esguichou em grande quantidade. As gotas que se espalharam no céu formaram a Via Láctea e as que caíram na terra transformaram-se em lírios.

Edith Hamilton ainda nos revela uma outra interpretação das flores. Segundo ela, a maioria das flores eram criadas para serem atribuídas a um deus. Conta a autora que a flor de narciso não era igual à flor que hoje conhecemos pelo mesmo nome, mas uma encantadora florescência em tons cintilantes de prata e púrpura e que teria sido criada por Zeus, para

ajudar o seu irmão a raptar a bela Perséfone, por quem se apaixonou (HAMILTON, 1999, p.115).

No segundo verso da quinta estrofe, a poetisa acredita que apesar do poeta ser um “lírio de vaidade e de pouco siso” (p.28), ele é um ser pensador, pois o poeta é aquele: “Que paira sobre o rio,/ Refletindo o céu, a floresta, o riso”. Diferentemente de Narciso que permaneceu durante um bom tempo observando apenas sua imagem no rio, o poeta é capaz de não ser egoísta a tal ponto de observar não somente ele, mas tudo que está sendo refletido no rio, “o céu, a floresta e o riso”. Características essas que podem representar a grandeza da alma humana e a beleza do universo.

Pode-se também compreender a analogia feita entre o poeta e narciso, ou a flor lírio, como a dedicação e a obsessão do poeta ao elaborar seus versos. Portanto, a poesia é o lago no qual reflete a vaidade do poeta em fazer-se sublime por meio de sua lírica; e, outrossim, o dom do poeta em evocar mitos e de tornar-se um próprio mito.

Nota-se nessa poesia a questão da função metalingüística, tendo em vista que a autora desde o início de “O poeta é um narciso” repensa a função do poeta, bem como a função da linguagem poética.

Considerações finais

O nascimento da humanidade se deu umbilicalmente ligado ao nascimento da mitologia. O politeísmo grego é um marco na história dos mitos, que tem como principal fonte as epopéias *Iliada* e *Odisséia*, ambas de Homero. Poder-se-ia pensar que com o transcurso da história os mitos das novas civilizações suplantariam o interesse pela mitologia greco-romana. Ledo engano. O mistério e a abordagem de temas intrínsecos ao ser humano fazem deles temas recorrentes de pesquisas e reflexões desde a sua origem. As expressões artísticas não poderiam se ausentar dessas investigações e nem mesmo abrir mão dessas construções mitológicas elaboradas em tempos remotos, mas que ainda hoje têm total relevância nas relações humanas.

Assim sendo, a poetisa Raquel Naveira utiliza de diferentes construções mitológicas para expressar suas angústias atuais. Esse contato estreito na temática e distante no tempo foi a motivação desse trabalho.

Com o estudo das poesias foi possível perceber a relação que a autora faz da mitologia com acontecimentos reais, como em *Tróia destruída*, em que o eu lírico menciona o fatídico atentado ocorrido nos Estados Unidos em setembro de 2001. Em outras poesias, nota-

se a comparação do poeta a personagens mitológicos, tais como Narciso e Centauro. Em *As Parcas*, a poetisa, de uma forma diferenciada (já que foi capaz de comparar as três raças às três Parcas), demonstrou a formação da América, pelo prisma do mito.

Além da influência mitológica, Raquel Naveira demonstra também em seus poemas características da religiosidade cristã. É o caso da poesia “Ágape”, que remete tanto ao mito de Perséfone, como à Parábola das Virgens, na Bíblia.

Futuramente almeja-se um estudo mais aprofundado de outros livros da poetisa, tais como *Abadia e Casa de Tecla*, ambos indicados para o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, e que, também estão repletos de temas da mitologia.

Referências

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Volume I, 16ª ed. Petrópolis: Vozes 2001.

_____. **Mitologia grega**. Volume II, 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HAMILTON, Edith. **Mitologia** (tradução: Jefferson Luiz Camargo). 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MENEZES, Edna. Raquel Naveira – emblema sagrado da poesia sul-mato-grossense. Disponível em: <www.revista.agulha.nom.br/raquelnaveira.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2009.

NADVORNY, Mauro J. **Narciso e o auto-ódio**. Revista Espaço Acadêmico – nº38 – Julho de 2004 – Mensal – ISSN 1519.6186. Ano IV. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/038/38ip_nadvorny.htm> Acesso em: 22 mar. 2009.

NAVEIRA, Raquel. **Portão de ferro**. São Paulo: Escrituras, 2006.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens** (tradução: Rosa Freire d’Aguiar). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Texto recebido em 10/04/11.

Aprovado em 02/08/11.